

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

MARLOS AUGUSTO DE SOUZA

**A CRÔNICA DE FUTEBOL:
O GÊNERO, SUA HISTÓRIA E SEU USO EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva

Belo Horizonte

2012

Esta monografia é dedicada aos meus pais. Para
minha noiva Patrícia, que me incentivou bastante.
Para os colegas e professores do curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha inspiração.

À Faculdade de Letras da UFMG, pela possibilidade de participação e conclusão do curso PRÓLEITURA.

Ao meu orientador, Marcelino Rodrigues da Silva, por sua competência, paciência e disponibilidade. Trabalhar com ele foi, para mim, uma honra.

À Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG, pelo acesso aos seus arquivos e livros, disponibilizados pelos(as) bibliotecários(as).

Aos professores do curso de Pós-Graduação.

[A crônica] é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.

(Antonio Candido)

RESUMO

Este trabalho estuda a crônica de futebol no Brasil, através de uma relação entre a história da crônica jornalística e a trajetória desse esporte no país. A crônica se desenvolveu como um gênero voltado para um conjunto mais amplo de leitores, aproximando-se da linguagem e da cultura das classes populares e tomando como tema fatos ligados à atualidade, exigindo do escritor uma participação direta no dia-a-dia e na realidade social. O futebol, por sua vez, chegou ao país como um esporte elitista, mas se tornou extremamente popular, envolvido por um complexo fenômeno de comunicação de massas, que apresenta uma intensa produção de discursos. Combinados, esses dois processos deram origem à crônica de futebol, gênero de grande alcance popular e praticado por grandes escritores, como Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e Mário Filho. Propõe-se, portanto, que a crônica de futebol pode ser utilizada em sala de aula, tanto para o desenvolvimento da percepção dos alunos em relação aos recursos textuais utilizados para a recriação dos acontecimentos esportivos quanto para a discussão de temas transversais importantes, relacionados a disciplinas como a História, a Geografia e a Sociologia, tornando-se assim um instrumento para o estímulo do interesse dos estudantes pela leitura e sua formação como cidadãos e leitores críticos.

PALAVRAS-CHAVE: crônica, futebol, leitura.

ABSTRACT

This work studies soccer chronicles in Brazil, through a relation between the history of journalistic chronicles and the trajectory of this sport in the country. Chronicles have developed as a genre aimed at a wider set of readers, approaching the language and culture of the popular classes and, taking as topic, facts related to current events, demanding from the writer a direct participation in the daily routine and social reality. Soccer, for its turn, arrived in the country as an elitist sport, but became extremely popular, wrapped by a complex mass communication phenomenon, which presents an intense production of speeches. Combined, these two processes gave rise to the origin of soccer chronicles, a genre of great popular reach and practiced by great writers, such as Nelson Rodrigues, Armando Nogueira and Mário Filho. It is proposed, therefore, that soccer chronicles can be used in the classroom, as much for the development of the student's perception regarding the textual resources used for the recreation of sport events, as for the discussion of important transverse themes, related to subjects such as History, Geography and Sociology, thus becoming an instrument for the stimulation of the students' interest in reading and their formation as citizens and critical readers.

KEYWORDS: chronicle, soccer, reading.

SUMÁRIO

	PG
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1: A CRÔNICA E SEU DESENVOLVIMENTO COMO GÊNERO	09
CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL	15
CAPÍTULO 3: A CRÔNICA DE FUTEBOL NO BRASIL	25
CAPÍTULO 4: TRABALHANDO COM A CRÔNICA DE FUTEBOL NA SALA DE AULA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar a crônica de futebol no Brasil, buscando relações entre a crônica, como gênero jornalístico e literário que tem uma rica história no país, e o processo pelo qual esse esporte se popularizou e se tornou uma das principais manifestações da identidade cultural brasileira. A partir dessas relações, serão discutidas também as possibilidades de utilização da crônica de futebol em sala de aula, como uma estratégia para aproximar os estudantes da literatura, bem como desenvolver suas capacidades para a leitura crítica, necessária à sua vida como cidadãos. Para isso, o trabalho foi organizado nas seguintes etapas.

No capítulo 1, intitulado “A crônica e seu desenvolvimento como gênero”, estudamos as características da crônica jornalística e a história de seu desenvolvimento como gênero híbrido, entre a literatura e o jornalismo. Passamos pelas diferentes acepções da palavra “crônica” (a crônica histórica e a crônica jornalística), pelo seu surgimento nos espaços dos jornais denominados folhetins, na França do XIX, até chegar à moderna crônica jornalística brasileira, onde se destacaram escritores importantes, que deram ao gênero uma feição própria, como João do Rio, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Observamos, então, que, diferente de outros gêneros como o drama e a poesia lírica, a crônica já nasce voltada para um público amplo de leitores e se aproxima da linguagem e da cultura das classes populares.

Já no capítulo 2, que traz o título “A história do futebol no Brasil”, nossa atenção se volta para a trajetória desse esporte no país, desde o final do século XIX e início do século XX, quando ele era um símbolo de prestígio social e sintonia com as novidades vindas da Europa, até sua difusão entre as classes populares e sua transformação e uma manifestação amplamente reconhecida da identidade nacional. A partir de textos de autores como Anatol Rosenfeld e Roberto DaMatta, discutimos as razões dessa transformação, tentando compreender a importância, as especificidades e os significados do grande fenômeno de comunicação de massas que se desenvolveu em torno do futebol no Brasil.

No capítulo 3, “A crônica de futebol no Brasil”, buscamos mostrar como a crônica de futebol é, de certa forma, um resultado da combinação entre o processo de desenvolvimento da crônica jornalística como gênero e a história da popularização do futebol no país. Por isso, a crônica de futebol acabou desempenhando um papel importante na transformação do esporte em grande fenômeno de comunicação de massas, ajudando a divulgar e interpretar o jogo e contribuindo para a criação dos significados que ele adquiriu em nossa cultura. Destacam-se aí os trabalhos do jornalista Mário Filho, que nas décadas de 1930 e 1940 revolucionou o jornalismo esportivo brasileiro, e de seu irmão Nelson Rodrigues, que acompanhou as grandes vitórias da seleção brasileira e se tornou um dos principais cronistas de futebol de nossa história.

Finalmente, no capítulo 4, cujo título é “Trabalhando com a crônica de futebol na sala de aula”, discutimos a possibilidade de utilizar a crônica de futebol em atividades pedagógicas voltadas para alunos de ensino fundamental e médio. Propomos que, com sua linguagem próxima do cotidiano e sua temática de grande interesse popular, a crônica de futebol pode servir como porta de entrada para a literatura e também como um instrumento para a formação de leitores críticos, ajudando os estudantes a desenvolver suas habilidades de leitura e relacionar conteúdos de diferentes disciplinas.

CAPÍTULO 1: A CRÔNICA E SEU DESENVOLVIMENTO COMO GÊNERO

No Brasil ela [a crônica] tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.

(Antonio Candido)

Segundo David Arrigucci Jr, em “Fragmentos sobre a crônica”, “são vários os significados da palavra *crônica*”. O termo crônica vem do grego *chronos*, por isso esse gênero está sempre ligado à questão do tempo e da memória. David Arrigucci Jr faz uma distinção entre a crônica moderna, jornalística, e a crônica histórica, gênero importante da Idade Média. A crônica histórica medieval é a narração de fatos históricos seguindo uma ordem cronológica, isto é, uma linha de tempo. A crônica histórica nos revela um passado que podemos relacionar significativamente ao presente, um tempo que é linear e acíclico, ou seja, um tempo que não se fecha. A crônica histórica medieval, portanto, é uma precursora da narrativa historiográfica moderna. (ARRUGUCCI, 1987, 51,52).

Nos dias atuais, no entanto, o conceito de crônica que vem à nossa cabeça é o da crônica jornalística, um gênero totalmente diferente do que seria a crônica histórica. A crônica é definida hoje como um gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura, relacionado aos fatos envolvidos no noticiário dos jornais, aos quais é dado tratamento mais literário. A crônica tem a característica de voltar-se para fatos ligados à atualidade, exigindo do cronista uma participação mais direta e ativa no cotidiano, na realidade social e histórica em que ele se insere. De um modo geral, ela utiliza uma linguagem coloquial, bem próxima do cotidiano. Sua linguagem é bem prosaica, aproximando-se da linguagem falada, de um "bate-papo". No ensaio “A vida ao rés-do-chão”, Antonio Candido, afirma que:

[A crônica] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação

efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (CANDIDO, 1992, 14)

Para Antonio Candido, portanto, a crônica é um gênero menor, destinado a desaparecer com a passagem do tempo, embora às vezes seja levada ao livro, ganhando assim uma maior permanência e aproximando-se da importância geralmente conferida a outros gêneros literários. Embora sua linguagem se aproxime da informalidade e da oralidade, ela não exclui o trabalho do cronista com a linguagem, que se dá sempre dentro de uma grande flexibilidade formal. Ela pode tender tanto para o conto quanto para uma “conversa de botequim”, pode ser um “causo”, um comentário lírico, sério ou satírico, uma descrição de fatos curiosos etc.

Muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem vôo. Outras vezes, a tendência é para a prosa de ficção, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente: ela pode se confundir com o conto, a narrativa satírica, a confissão. Outras ainda, como em tantos casos conhecidos, constitui um texto difícil de classificar: é... crônica. Foi o que levou Fernando Sabino a repetir sobre ela a famosa piada de Mário de Andrade a propósito do conto: tudo o que o autor chamar assim. (ARRUGUCCI, 1987, 55,56)

Essas características de gênero se formaram ao longo de seu desenvolvimento na imprensa jornalística. Antes da crônica se consolidar como gênero literário, alguns historiadores relatam o seu surgimento em meados do século XIX, no jornalismo francês, no interior do espaço dos jornais denominado folhetim. Inicialmente, o folhetim era um artigo de rodapé que se preocupava em focar questões relativas à sociedade, à

política, às artes e à literatura. No Brasil, “Ao correr da pena” era um título significativo do folhetim escrito por José de Alencar, que semanalmente escrevia no *Correio Mercantil*, entre os anos de 1854 a 1855.

Em seu texto “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica”, Marlyse Meyer destaca a figura do folhetinista e sua importância dentro da imprensa. Para isso, parte da citação de um texto escrito e publicado por Machado de Assis na revista *O Espelho* em meados do século XIX:

Uma das plantas européias que difficilmente se têm aclimatado entre nós, é o folhetinista.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. (...)

Mas comecemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. (...)

O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização no novo animal. (...)

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

(*apud* MEYER, 1992, 94)

Surgido como um artigo de rodapé, o folhetim acabou se tornando, ao longo do século XIX, um espaço do jornal. Como explica Marlyse Meyer, *le feuilleton* designava um lugar preciso do jornal, *o rez-de-chaussée* (rés-do-chão, rodapé), geralmente da primeira página. Este tinha uma finalidade, que era a de espaço destinado ao entretenimento e às variedades. O folhetim tornou-se aquele espaço vazio destinado a todas as formas de diversão escrita: piadas, histórias de crimes e monstros, charadas, receitas de cozinha e de beleza, espaço aberto a novidades em que se criticam livros recém-saídos, peças de teatro, o esboço do atual Caderno B. Com o tempo o folhetim começava a receber alguns conteúdos que muitas vezes se diferenciavam e se tornavam

rotineiros. Era o caso da crítica de teatro, também conhecida como *feuilleton dramatique*, e da resenha de livros (*feuilleton littéraire*).

Como naquela época o gênero ficção estava em alta, o folhetim foi um espaço em que se podia trabalhar o gênero narrativo. Com isso, no início da década de 1840 surgia um novo gênero de folhetim, que era o folhetim-romance: uma história publicada em capítulos seriados, que era a grande isca para atrair os assinantes. Esse novo gênero foi praticado por autores de grande sucesso comercial, tais como Eugène Sue, Alexandre Dumas Pai, Soulié, Paul Feval, Ponson du Terrail, Montepin etc.

O folhetim narrativo foi muito importante para o desenvolvimento do romance, mas não é ele o nosso objeto de estudo. O que nos interessa é o surgimento do gênero cronístico, dentro do espaço de variedades, que também era denominado folhetim. No Brasil, Joaquim Manuel de Macedo foi um dos grandes escritores do século XIX que fez a ponte entre o folhetim narrativo e a crônica. É o que se pode perceber na seguinte citação do autor, reproduzida por Marlyse Meyer:

Vou entregar ao domínio e à apreciação do público, reunidos em livro, os artigos que, sob o título “Um passeio no Rio de Janeiro”, tenho publicado e espero continuar a publicar nos folhetins do *Jornal do Comércio* (...). Procurei amenizar a história, escrevendo-a com esse tom brincalhão e às vezes epigramático que, segundo dizem, não lhe assenta bem, mas que o povo gosta; ajustei à história verdadeira (...) ligeiros romances, tradições inaceitáveis e lendas inventadas para falar à imaginação e excitar a curiosidade do povo que lê. (*apud* MEYER, 1992, 105)

Nesta citação de Macedo, podemos ver o surgimento gradual das características da atual crônica jornalística: o desejo de “amenizar a história” e ajustá-la ao gosto popular, o “tom brincalhão e às vezes epigramático” etc. Com isso, Macedo se aproxima daquela “fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo” (*apud* MEYER, 1992, 105), conforme a definição de Machado de Assis para o novo gênero que estava em desenvolvimento. Progressivamente, então, vemos se formar, ao longo do século XIX, as características que hoje definem a crônica jornalística.

Foi justamente nas primeiras décadas do século XX que a crônica moderna se consolidou no Brasil com os mais diversos escritores e jornalistas, revelando um estilo próprio que solidificou em uma grande tradição cronística no jornalismo brasileiro. Entre eles destacam-se João do Rio, Lima Barreto, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e aquele que é considerado um dos maiores cronistas brasileiros, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. Por conta dessa tradição, Antonio Candido afirmou que “até se poderia dizer que sob vários aspectos [a crônica] é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1992, 15).

Entre esses grandes cronistas do século XX, grande parte deles ligada ao movimento modernista, podemos encontrar aquela variedade formal a que nos referimos acima, quando estávamos definindo a crônica jornalística. Em Olavo Bilac, ainda um parnasiano, mestre da crônica, há um pouco do comentário do antigo artigo de fundo e uma pitada de dose poética. João do Rio é mais voltado mais para o humor e o sarcasmo. Outro que se destacou sem dúvida foi Manuel Bandeira, sobretudo nas *Crônicas da Província do Brasil*, reunidas em 1937. Aqui o cronista é à moda antiga, ou seja, evocando um passado colonial brasileiro em uma arquitetura presa ao encanto de uma cidade que não sofreu transformação alguma. Por outro lado, Bandeira também utiliza uma linguagem mais coloquial, mais próxima de uma conversa amena e bem humorada, com uma prosa limpa e enxuta, sem perder a precisão dos detalhes. Rubem Braga situa sua crônica no cotidiano da cidade moderna, utilizando uma linguagem simples e comunicativa, aproximando-se de um bate-papo entre amigos para falar das questões do cotidiano.

Como vimos acima, a crônica moderna surgiu no jornal, nos espaços dedicados ao entretenimento, chamados folhetins. Marlyse Meyer mostra com clareza que a ampliação desses espaços nos jornais brasileiros estava ligada a um processo de modernização cultural da sociedade, com um progressivo aumento do público leitor, que começa timidamente no século XIX e se acentua no século XX. Talvez seja justamente pelo fato de estar inserida nesse processo de ampliação do público leitor que a crônica se desenvolveu como um gênero próximo da oralidade, do bate-papo cotidiano. Ao contrário de outros gêneros literários, como o drama e a poesia lírica, a crônica já nasce voltada para um conjunto mais amplo de leitores e, embora grande

parte da população ainda fosse analfabeta, já se aproxima mais da linguagem e da cultura das classes populares. Por esse caminho, portanto, tentaremos aproximar a história do gênero crônístico no Brasil à história do futebol, esporte bretão que se tornou extremamente popular em nosso país.

CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol no Brasil, assim, além de ser um esporte, é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo.

(Roberto DaMatta)

Os esportes modernos surgiram na Europa, ao longo do século XIX, como uma prática cultural intimamente ligada ao desenvolvimento da sociedade capitalista. Serviam tanto como forma de educação e disciplina da população, que era levada a observar e seguir as regras do jogo, quanto como um espetáculo voltado ao entretenimento das massas e à criação de laços entre classes e grupos sociais. Nesse contexto, o futebol moderno nasceu na Inglaterra, e só depois foi trazido ao continente americano:

As grandes “batalhas” para a implantação do esporte já tinham sido travadas na Inglaterra, e o continente americano, então ainda inclinado a receber de braços abertos tudo o que vinha na Europa, pôde colher os frutos. Ainda na primeira década do século XIX, o jogo proibido havia sido praticado em segredo nas *public schools* inglesas, que, sem dúvida, se tornaram suas pioneiras. (ROSENFELD, 2007, 77, 78)

Segundo Rosenfeld, só se pode falar em esportes modernos a partir do momento em que os exercícios físicos passaram a se organizar na forma de clubes. No Brasil, antes do futebol, tivemos a presença de esportes como o remo e o turfe, e também de outras práticas que não se organizavam dessa forma, como a cavalhada e a capoeira, que não se constituíram formalmente como esportes, mas podem ser qualificadas como exercícios físicos.

(...) podem-se qualificar como exercícios físicos, no sentido moderno, a tradicional *malha* (que era um jogo de lançamento de disco), e num grau mais alto ainda, a famosa *capoeira*, forma acrobática de autodefesa, cujos representantes, quase sempre homens de cor, sabiam derrubar redondamente o adversário perplexo através de uma técnica rica em truques de violentas cabeçadas e ágeis rasteiras, tanto mais quanto a última foi cultivada simultaneamente como dança com acompanhamento musical. (ROSENFELD, 2007, 75-76)

Segundo a versão mais difundida, o futebol foi trazido para o Brasil em 1894, por Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa, ou seja, filho de pai inglês e mãe brasileira, vindo de um período de estudos em Southampton, Inglaterra. Assim, o futebol foi trazido da Europa por rapazes que estudavam no exterior e estrangeiros que moravam no país. O esporte foi a princípio um passatempo moderno e elegante das jovens elites urbanas.

Outro europeu importante na história da chegada do futebol no Brasil foi Hans Nobiling, um alemão que veio para o Brasil em 1897. Em seu país de nascimento, ele fazia parte do Clube Germânia de Hamburgo. Em 1899, fundou um clube com o mesmo nome (hoje Clube Pinheiros), que reunia principalmente funcionários do comércio e que rompeu o costume dos jogos apenas entre ingleses ou alunos de escolas brasileiras em que o esporte era praticado.

O primeiro clube em que o futebol foi jogado de modo mais organizado foi formado por sócios de um clube inglês que havia sido fundado para a prática do *cricket*, o *São Paulo Athletic Club*, ao qual Charles Miller se associou. O clube reunia funcionários ingleses de empresas como a Companhia de Gás, o Banco de Londres e a São Paulo Railway.

Por outro lado, o esporte se desenvolveu também nos colégios, como por exemplo os colégios militares, o Ginásio Nacional, o Colégio Alfredo Gomes e o Colégio Anglo-Brasileiro, nos quais o futebol era quase uma matéria obrigatória. A Igreja Católica em nenhum momento colocou qualquer tipo de obstáculo, contribuindo assim para que o esporte fosse difundido. Foi justamente através do padre Manuel

González que foi provavelmente fabricada a primeira bola de couro cru para seus alunos no Colégio São Vicente de Paula, em Petrópolis.

Rosenfeld, em seu livro *Negro, macumba e futebol*, observa que nesse início o futebol tinha algo parecido com os torneios da Idade Média, nos quais só podiam participar cavaleiros nobres. Assim como no futebol só podiam participar membros das alta sociedade, como nos casos do Fluminense (no Rio de Janeiro) e do Paulistano (em São Paulo), que viajavam com *smoking* na mala e se hospedavam nos melhores hotéis. Isto revela o quanto o futebol era um esporte elitizado. Como afirma Rosenfeld, "os primeiros jogadores do Paulistano (e com maior razão seus dirigentes) eram predominantemente 'paulistas de quatrocentos anos' – 'paulistas Mayflower' de ascendência tradicional" (ROSENFELD, 2007, 80).

O futebol era cultivado principalmente pelos jovens das camadas superiores, que o praticavam de forma amadora, como um símbolo de virilidade, uma vez que o tênis era um esporte de elite praticado principalmente pelo público feminino. Mas o futebol era também sinônimo de uma sociedade culta, que compartilhava os mais altos valores da civilização europeia, e era frequentado por senhores de famílias importantes, contanto também com uma tribuna bem colorida, marcada pela presença da torcida feminina. É o que nos mostra Marcelino Rodrigues da Silva, em seu estudo sobre a história da imprensa esportiva no Brasil:

As matérias sobre os jogos recém-realizados começavam invariavelmente com uma frase do tipo: "(...) Realizou-se domingo passado, no excelente *ground* da Rua Doutor Campos Sales, o sensacional encontro (...) entre as duas magníficas equipes..." A essas fórmulas verbais introdutórias, seguiam-se geralmente os registros sobre a "seleta concorrência" que assistiu ao jogo, em que o cronista fazia os elogios de praxe aos "distintos *sportsmen*", às figuras da "boa sociedade" e às autoridades governamentais que compareceram ao *ground* naquela oportunidade. É particularmente interessante, aí, o destaque dado à presença das mulheres nos jogos, testemunhando o caráter de confraternização social que o futebol tinha naquela época. Com abundante uso de lugares-comuns e frases feitas, dizia-se sempre que "nas arquibancadas (...) o elemento feminino predominava em toda linha, dando a nota elegante do *meeting*", que o belo sexo "fez-se numerosamente representar por gentis e galantes senhoritas que (...) emprestavam ao *meeting* sportivo toda a alegria de sua fulgurante formosura" e assim por diante. (SILVA, 2006, 45).

Nesse início, os negros e pobres eram desencorajados de participar das atividades do futebol, mas aos poucos o esporte foi se popularizando. Com o tempo foram aparecendo torcedores e atletas vindos das classes populares, que viam no esporte uma possibilidade de status e ascensão social e por isso jogavam com extrema seriedade. Para Rosenfeld, a lembrança da abolição da escravatura de uma certa maneira contribuiu para que ocorresse a popularização, já que dar um chute em uma bola era considerado um ato de liberdade, diferente do trabalho escravo.

Os meninos de cor de camadas inferiores costumavam assistir os jogos entre os clubes da elite, apinhados nos morros e árvores próximos aos campos, e aproveitavam quando a bola saía para chutá-la de volta com força e medir a potência dos pés. Segundo Rosenfeld, nas famosas "peladas" (jogos informais em campos sem grama) formaram-se equipes cujos jogadores adolescentes muitas vezes não tinham mais nada a fazer o dia inteiro, pois muitas vezes nem iam à escola nem trabalhavam, e em consequência disso desenvolveram logo uma ótima técnica de jogo. O futebol de uma certa maneira abriu grandes possibilidades, principalmente econômicas, visto que havia uma restrição em outras atividades às classes mais pobres. Um bom exemplo é a história do Bangu, contada por Rosenfeld:

Os ingleses fundaram o clube com o consentimento da direção da fábrica, que lhes pôs à disposição também um campo situado próximo. Em virtude da distância do subúrbio, entretanto, não foi possível aos ingleses constituírem equipes fechadas chamando os compatriotas da cidade. Viram-se obrigados a recorrer aos operários da fábrica, estimulados pela direção esclarecida, que provavelmente soubera que os fabricantes de tecidos ingleses na Rússia fomentavam o futebol entre os turnos para animar sua disposição ao trabalho e seu *esprit de corps*. Logo foram concebidos privilégios especiais aos bons jogadores: licenças para treinar, trabalho mais leve, possibilidades de promoção mais rápida. Mais tarde, depois da supressão do *the*, o clube tornou-se quase mais conhecido do que a fábrica, e gerações de jovens foram admitidos não só porque trabalhavam bem, mas também porque jogavam bem – o que, no entanto, resultou em vantagens para os produtos manufaturados. A importância deste e de clubes semelhantes é considerável não porque operários e, por conseguinte, também homens de cor chegaram dessa maneira a jogar – essa possibilidade sempre lhes esteve aberta, embora sob condições menos propícias –, mas porque, dessa forma, eles pertenciam a clubes que tinham status e, em vista disso, foram

admitidos nas federações de clubes socialmente reconhecidos que logo surgiram, de tal forma que logo cedo trabalhadores, entre os quais homens de cor, puderam medir-se com elementos das camadas superiores – com equipes cujos jogadores eram quase na totalidade estudantes de direito e medicina. (ROSENFELD, 2007, 82, 83).

Rosenfeld chama atenção em relação à educação no futebol. Segundo ele, um dos obstáculos que dificultou a ascensão dos jogadores mais pobres aos grandes clubes foi o analfabetismo. Muitos clubes contratavam professores para alfabetizar os jogadores, para que eles cumprissem a exigência feita pelas ligas esportivas de assinatura nas súmulas. Era importante também que o jogador fosse ligado a alguma atividade profissional, mesmo que fictícia, comprovado que a prática do futebol era amadora.

O amadorismo e a exigência de alfabetização foram algumas das maneiras de não permitir a penetração de pessoas indesejáveis nas associações consideradas ricas. A oferta de empregos aos atletas considerados de cor possibilitava que eles progredissem, já que conseguiriam melhores condições econômicas. Alguns filhos de jogadores frequentaram escolas superiores e seguiram rumo à ascensão social.

Desde a década de 1910, em função da grande pressão da competição pelas vitórias esportivas, os grandes clubes sentiram a necessidade de atrair jogadores mais pobres, o que levou ao pagamento de "bichos", conforme a performance dos jogadores. O termo "bicho" vem provavelmente do jogo do bicho. Esse tipo de gorjeta teve como efeito perigoso o fato de que muitas vezes desviava jovens de melhor posição social de uma carreira mais promissora.

Com isso, a ascensão de homens de cor para a "primeira divisão" tornou-se algo inevitável. Isto provocaria conflitos de diversos tipos, pois a relativa igualdade que existia no jogo não existia da mesma forma em outros setores da vida. Em relação ao campo de futebol, o homem de cor, apesar das muitas dificuldades, tinha que provar sua plena igualdade no que diz respeito à perseverança, à inteligência, à “musculatura física e moral”. Ou seja, teria que demonstrar suas qualidades no futebol.

A profissionalização dos atletas, em 1933, pôs fim a essa situação ambígua, já que com ela os jogadores passavam a ser vistos como empregados e não sócios dos

clubes, não precisando portanto de participar de suas atividades sociais, como os bailes e encontros dançantes. Assim, foi criada a divisão entre o futebol e o clube. Antes do profissionalismo, era inevitável a saída de jogadores brasileiros para países em que o futebol já era praticado profissionalmente. Países como Itália, no começo da década de 1930, que disputavam os jogadores brasileiros brancos com nomes italianos, além da Argentina e do Uruguai, que já haviam adotado o futebol profissional.

Um nome importante no processo de popularização do futebol brasileiro foi Arthur Friedenreich, filho de um alemão que trabalhava no serviço público brasileiro e de uma brasileira negra. Era apelidado "pezinho de ouro". O gol que ele marcou em 1919, na conquista do Campeonato Sul-Americano contra o Uruguai, abriu aos negros o acesso aos times mais elegantes. Assim, os jogadores negros começam a ter mais espaço dentro do futebol brasileiro.

Como exemplos disso, Domingos da Guia e Leônidas da Silva se tornaram grandes ídolos de todo o povo brasileiro, na década de 1930, não somente porque eram ótimos jogadores, mas porque simbolizavam uma importante aspiração da sociedade brasileira: a democracia racial. Esses jogadores, inclusive, participaram das semifinais da Copa do Mundo de 1938, vencidas pelos italianos, futuros campeões. A volta ao Brasil da seleção nacional provocou uma grande festa nas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo, na qual foram celebrados principalmente os dois grandes heróis das multidões, os negros Domingos da Guia e Leônidas da Silva, também conhecido como "Diamante Negro".

Domingos nasceu em Bangu, em 1912, produto do talento que costumava surgir nesse clube de vila operária. Já Leônidas, nasceu em 1913, em São Cristóvão, jogou desde os 13 anos no time infantil do São Cristóvão e depois no time principal do Bonsucesso, dois pequenos clubes da primeira divisão carioca, de bairros populares do Rio de Janeiro. A popularidade dos dois jogadores negros famosos do Rio ganha dimensões nacionais quando eles começam a jogar em outra cidade grande, que é São Paulo. Leônidas joga lá até 1949, quando se torna radialista-comentarista de futebol, na mesma cidade.

O surgimento desses grandes ídolos esportivos, vindos das classes mais baixas, contribuiu também para o processo de crescimento das torcidas, tanto dos grandes clubes de elite quanto dos clubes mais populares. "Muito mais importante foram as

torcidas - na medida em que se formaram em torno de clubes - que, como representantes de bairros, muitas vezes refletiam também diferenças sociais" (ROSENFELD, 2007, 96). Por outro lado, mesmo os clubes da elite passaram a contar com torcedores das classes sociais mais pobres.

Assim, o futebol se espalhou no Brasil, entre as décadas de 1910 e 1930, se consolidando como um esporte extremamente bem aceito entre os mais diversos segmentos da sociedade. No ensaio "A vitória do futebol que incorporou a pelada", o historiador José Sérgio Leite Lopes afirma que:

A transformação do futebol de esporte de elite em esporte popular implicou uma passagem para o profissionalismo e numa nova concepção desse esporte, dirigindo-se a jogadores que esperavam tudo do futebol, ou seja, não somente uma ascensão social mas também um reconhecimento coletivo enquanto "plenamente brasileiros". (LOPES, 1994, 66).

No mesmo artigo, o autor chama a atenção para o fato de que a popularização levou também a um processo de transformação da forma como o jogo era jogado (a criação de um estilo brasileiro de futebol) e vivido pela sociedade brasileira.

O futebol se desenvolveu no Brasil de modo distinto do que aconteceu em outras sociedades, como a inglesa e a norte-americana. Segundo Roberto DaMatta, uma diferença importante é que, para os americanos e ingleses, práticas como o *football*, o *tennis*, o *baseball*, o *soccer* e o *golf* são consideradas *sports*. Já para os brasileiros a palavra futebol geralmente não aparece sozinha, vem quase sempre acrescida do termo "jogo" (DAMATTA, 1986, 105). O termo "jogo", muito utilizado no Brasil, faz referência a um evento, não importando se ele é bom ou ruim, o importante é que seja um "jogo de futebol".

A questão discutida pelo antropólogo é como o esporte é visto em cada sociedade. Em se tratando de jogo, como no Brasil, ocorre uma associação entre o futebol e as forças impessoais da sorte e do destino a que o homem se sujeita. No Brasil, o vocábulo jogo serve também para designar os "jogos de azar", que nos Estados Unidos e na Inglaterra são conhecidos como *gamble*, palavra que tem uma outra acepção, definida pelo Dicionário Oxford como "*a diversion of the nature of a context,*

played according to rules and decided by superior skill, strenght, or good fortune" (apud DAMATTA, 1986, 106). Já a palavra *sport* ter mais a ver com "a ênfase no controle físico e na coordenação dos indivíduos para formar uma coletividade" (DAMATTA, 1986, 106).

Uma prova dessa especificidade do futebol na cultura brasileira é sua ligação com o sistema de loterias, que tem uma relação com a sorte e o azar e com a interferência das entidades sobrenaturais que se manifestam nas religiões afro-brasileiras. Para DaMatta, essa ligação demonstra que tanto o futebol como o "jogo da vida" estão ligados a um "terceiro jogo jogado no 'outro mundo', onde entidades são chamadas para influenciar no evento e, assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas no evento esportivo" (DAMATTA, 1986, 107).

Segundo os comentaristas das mais diversas partes do mundo, o futebol brasileiro também se diferencia do europeu pela criatividade de seus jogadores, cuja característica marcante é um alto grau de domínio da bola. Desse modo, o "estilo brasileiro" de futebol, cujos principais artesãos foram os jogadores negros e mestiços, funciona como uma forma de expressão individual, na medida em que o atleta pode aparecer e distinguir-se através da criação de jogadas, associadas à sua individualidade e às especificidades da história e da cultura do país.

Paralelamente sabemos que o futebol brasileiro se distingue do europeu pela improvisação e individualidade de seus jogadores que têm, caracteristicamente, um alto controle da bola. Deste modo, o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de expressão individual. Realmente, é pelo futebol praticado nas grandes cidades que o povo brasileiro pode se sentir pessoalizado. Do mesmo modo, é dentro de um time de futebol que um membro da massa anônima e desconhecido, o chamado "povão", pode tornar-se uma estrela e ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções. (DAMATTA, 1986, 107)

Esse é o caso, por exemplo, da invenção da "bicicleta", por parte de Leônidas da Silva, e da "domingada", de Domingos da Guia, "que consistia (...) na jogada 'barroca' pela qual aquele jogador 'traía' seu 'brasileirismo', ao desarmar como bom zagueiro os atacantes do outro time, mas, ao invés do 'chutão' para frente, saía driblando os

adversários" (LOPES, 1994, 75). Não podemos esquecer, também, do inconfundível drible pela direita de Garrincha, ao mesmo tempo previsível e impossível de bloquear, por meio do qual ele ganhou fama internacional, nas Copas do Mundo de 1958 e 1962. Nem de Didi, inventor da “folha seca”, com sua postura elegante, seus dribles de corpo e seus lançamentos e batidas de faltas em curva, “que resultam em um estilo de jogo do menor esforço aparente, do uso da inteligência e da astúcia mais que da força” e “encarnam por alguns aspectos a imagem da ‘dança’ ou da capoeira como estilo brasileiro no futebol” (LOPES, 1994, 76). Sobre esse processo de criação do estilo brasileiro de futebol, Marcelino Rodrigues da Silva discorre:

É mais ou menos dessa época [a década de 1930], também, a consolidação da ideia de que os jogadores brasileiros, sobretudo os negros e mulatos, estavam inventando um estilo particular de jogar o futebol, em que se manifestavam características típicas de nossa identidade cultural. Se há algum tempo já vinham surgindo os primeiros sinais de sua gênese, como os elogios a Leônidas e Domingos e as matérias sobre a capoeira que *O Globo* publicou em 1931, é apenas na segunda metade da década de 1930 que aparecem suas formulações mais explícitas. Diversas dessas formulações têm sido mencionadas pelos estudos que tratam dessa questão, evidentemente central no debate sobre o futebol e suas relações com a sociedade brasileira.

A mais famosa é um artigo publicado por Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco*, em 1938. Nesse texto, o estilo brasileiro de jogar o futebol é definido como “mais uma expressão do nosso ‘mulatismo’ ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas e em músicas, as técnicas europeias ou norte-americanas”. Ainda segundo o autor pernambucano, esse estilo se distingue do futebol europeu “por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...) que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil”. Definindo o estilo futebolístico nacional nos termos de suas teorias sobre a mestiçagem como paradigma da cultura brasileira, Gilberto Freyre (...) expressava as íntimas relações entre a história do futebol e o movimento de valorização dos elementos africanos da formação étnica e cultural da sociedade brasileira. (SILVA, 2006, 166, 167)

Conclui-se, então, que o futebol se tornou tão importante no Brasil porque, ao longo de sua história no país, se popularizou e se tornou um símbolo da identidade nacional, incorporando, tanto às formas de jogar quanto às formas de torcer e viver o jogo, elementos típicos de nossa cultura. Nesse processo, o jornalismo e a crônica

esportiva, bem como outras artes e outros meios de comunicação, como o cinema e o rádio, tiveram um papel muito importante. No próximo capítulo desta monografia, trataremos da crônica de futebol e de sua importância nesse processo.

CAPÍTULO 3: A CRÔNICA DE FUTEBOL NO BRASIL

A linguagem da crônica esportiva também mudou com Mário Filho: em vez da apelação por demais respeitosa, corrente na imprensa, do nome dos clubes – por exemplo “Fluminense Football Club”, “O Clube de Regatas Flamengo”, ou ainda “The Bangu Athletic Club” – ele começa a chamá-los simplesmente Fluminense, Flamengo e Bangu, como os torcedores nos estádios e nas ruas. Ao invés dos inúmeros termos ingleses que alimentavam o esnobismo inconsciente dos jornalistas, os termos da linguagem corrente.

(José Sergio Leite Lopes)

Como vimos no primeiro capítulo desta monografia, a crônica se desenvolveu no Brasil num contexto de modernização da imprensa brasileira e ampliação do público leitor, graças aos processos de urbanização e crescimento da rede escolar. Por isso, sua linguagem era mais coloquial, bem próxima do cotidiano, dialogando com a realidade e a cultura desse novo público. Já no segundo capítulo, vimos que a importância do futebol na sociedade brasileira vem, sobretudo, de sua popularização, do processo pelo qual ele ganhou adeptos em diferentes classes sociais e passou a representar nossa identidade cultural. A história da crônica esportiva brasileira, então, é de certa forma um encontro entre esses dois processos, o desenvolvimento do gênero cronístico e a história do esporte bretão no país.

Antes do futebol, outros esportes já apareciam nas páginas dos jornais brasileiros, tais como o turfe, o remo, a pelota basca, o ciclismo e a patinação, tanto em textos informativos quanto em textos de caráter opinativo ou cronístico que comentavam as modas e os costumes da sociedade. A crônica de futebol, então, aparece quase simultaneamente à chegada do esporte no país.

Foi no início do século XX, quando o futebol ainda "engatinhava", que a crônica começou a surgir e se solidificar na imprensa brasileira, principalmente no Rio

de Janeiro, que viveu nessa época um significativo crescimento da atividade jornalística. Nas primeiras décadas do século XX, no entanto, a linguagem da crônica e do jornalismo esportivo era elitista, assim como o próprio futebol (SILVA, 2006, 41-52). A transformação do esporte de elite em popular implicou, portanto, numa profunda transformação no modo como o esporte era visto pela sociedade.

Para essa transformação, foi fundamental o trabalho de Mário Filho. Esse jornalista foi um dos maiores cronistas esportivos brasileiros e exerceu de maneira indissociável suas atividades relacionadas ao esporte, ao jornalismo e à política. Mário Filho nasceu em 1908 em Pernambuco. Seu pai, Mário Rodrigues, se tornou proprietário do jornal *A manhã* no Rio de Janeiro em 1925. Era conhecido por ser um jornalista de cunho político, que misturava um estilo jornalístico sensacionalista com ataques pessoais a homens públicos. Nesse jornal, Mário Filho acumulava a função de gerente com a redação de crônicas literárias, passando a depois a se interessar pela seção de esportes.

Quando Mário Filho começou sua carreira, geralmente o futebol ocupava pouco espaço nos jornais, que se interessavam mais por outros esportes, como o turfe e o remo. A seção de esportes era pouco valorizada e os repórteres esportivos ocupavam a posição mais baixa na hierarquia dos jornalistas.

Mário Filho mudou esta situação, transformando a cobertura esportiva em um atrativo para os leitores. Ele antecipava a produção de notícias, explorando desde os treinos até os momentos que precediam os jogos, criava eventos, entrevistava os jogadores e contava suas biografias. Como filho do patrão, ele podia investir na página esportiva, tendo à sua disposição todos os recursos gráficos e fotográficos do jornal. As tradicionais fotos dos jogadores, de gravata e paletó, foram substituídas por fotos de suas jogadas em campo, vestindo os uniformes dos clubes.

A linguagem da crônica esportiva também mudou com Mário Filho, tornando-se mais próxima do público e menos presa ao antigo jargão inglês. Por exemplo, ao invés de chamar os clubes pelos seus nomes oficiais ("Fluminense Football Club", "Clube de Regatas Flamengo" ou "The Bangu Athletic Club"), ele começa a chamá-los simplesmente Fluminense, Flamengo e Bangu, como os torcedores nos estádios e nas ruas (LOPES, 1994, 65-68). Sua coluna "Da primeira fila", publicada nos anos 1940 no jornal *O Globo*, onde escreve crônicas sobre a história do futebol a partir das entrevistas

acumuladas com os jogadores do passado e dos arquivos do goleiro Marcos de Mendonça, é considerada como um marco na adaptação das características do gênero cronístico ao futebol (SILVA, 2006, 167).

Com seu trabalho jornalístico, Mário Filho participou de maneira muito ativa na campanha que introduziu o regime profissional para os jogadores de futebol no Brasil, em 1933. Quando começou a trabalhar no Rio de Janeiro, o jornalista notava que o esporte ainda vivia a crise do futebol amador iniciada com a entrada do Vasco na primeira divisão, clube da colônia portuguesa da cidade, que ganhou o campeonato de 1923 com um time composto por jogadores dos subúrbios do Rio, muitos dos quais negros e mestiços.

Para Mário Filho, o profissionalismo era um meio para levar à emancipação dos negros, condição necessária para a popularização do futebol no país e a sua transformação em grande espetáculo de massas. Nos jornais em que trabalhava, ele defendia claramente a campanha pelo fim do amadorismo e chegou a participar pessoalmente das reuniões que decidiram pela implantação do regime profissional. Com isso, ele dá sua contribuição para que o futebol torne-se um esporte para diferentes classes sociais, contribuindo para uma reapropriação da prática esportiva e uma transformação dos seus significados (LOPES, 1994, 71-73).

Após a implantação do regime profissional, Mário Filho coloca seu trabalho jornalístico a serviço da promoção do novo campeonato, que começava enfraquecido pela dissidência amadora, contribuindo para incrementar de maneira decisiva o público dos estádios em favor do novo profissionalismo. Através dessa prática na imprensa esportiva dos anos 1930, ele conseguiu contribuir para inverter o perigo do enfraquecimento do futebol, transformando-o em espetáculo para o grande público. Suas campanhas, seus concursos e conceitos encontraram grande receptividade.

Segundo José Sergio Leite Lopes, no ensaio “A vitória do futebol que incorporou a pelada”:

A invenção ou a transformação de uma prática esportiva não depende unicamente da transformação das convenções definindo as regras explícitas do jogo (por exemplo, para o futebol, o tamanho dos gols, a duração das partidas, o número de jogadores, a lista das

"faltas" sancionadas, ou ainda a famosa regra do impedimento ou *off-side*), ela tem implicações nas condições materiais e financeiras, mas também "morais" de sucesso, conjunto de fatores que Mário Filho, um dos inventores desse novo jogo social, soube aperfeiçoar reinventando ao mesmo tempo sua própria profissão. (LOPES, 1994, 66)

Desse modo, Mário Filho pode ser visto não só como um reformador das regras explícitas do futebol, mas também como um reformador dos sentidos do jogo. Ele inventou novas formas de expressão dentro das quais os dominados podiam "se reconhecer". Seu empreendimento não foi somente um negócio de dinheiro, mas sim um investimento na relação de identidade entre os jogadores e o público, unidos pela adesão a um mesmo projeto de emancipação social pelo esporte. Para se ter uma ideia da consciência do próprio jornalista sobre esse papel que ele desempenhou na história do futebol e do jornalismo esportivo no Brasil, pode ser citado um trecho de uma entrevista que ele concedeu ao *Jornal das Letras* em 1966, falando das influências e das estratégias que marcaram seu trabalho jornalístico:

O Café Nice, que me salvou literariamente, foi uma espécie de invenção minha, também. À época, cada clube da cidade elegia um café de suas proximidades, no qual se reuniam dirigentes, craques e jornalistas. Como eu trabalhava em *O Globo* e nossa redação ficava ali, pertinho do Nice, passei a convocar toda a turma para esse café, com o que tinha bem às mãos notícias, furos e entrevistas. Assim, o Nice passou a ser frequentado por um mundo de *boxeurs*, jogadores e sambistas. (...) Era o papo mais saboroso deste mundo. E os tipos que lá se reuniam eram uma beleza. (...) No bate-papo perdi o que era besta e empolado no meu estilo e ganhei esse ritmo de conversa com que hoje escrevo. Comecei a usar as palavras simples, as palavras do cotidiano. É que no bate-papo você se desarma, totalmente. Fala a língua real, do povo, sem pernosticismos. (SILVA, 2006, 146).

Sob a influência de Mário Filho, desenvolveu-se uma importante geração de cronistas como Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, João Saldanha etc. Um dos que mais se destacou foi sem dúvida Nelson Rodrigues. Suas crônicas são um bom exemplo desse processo pelo qual o texto jornalístico tornou-se um espaço privilegiado para a construção das significações que os acontecimentos, personagens e instituições do mundo do futebol ganharam na cultura brasileira.

Irmão de Mário Filho, Nelson Rodrigues nasceu no dia 23 de agosto de 1912, em Recife, Pernambuco. Em 1916, Nelson mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro. Seu pai, como vimos, era jornalista e político. Como convivia pouco tempo com os filhos, o pai costumava levá-los ao *Correio da Manhã*, jornal em que trabalhava. Esses foram os primeiros contatos de Nelson Rodrigues com a vida jornalística. Mais tarde, Mário Rodrigues fundou o jornal *A Manhã*, aproximando ainda mais seus filhos do convívio com este campo profissional.

Com apenas 13 anos, Nelson iniciou sua carreira jornalística, como repórter de política no jornal *A manhã*. Em seus textos, ele já conseguia emocionar os leitores com sua tendência para dar um tom dramático aos acontecimentos que relatava. Nas páginas policiais, ganhou experiência que depois lhe foi útil para escrever suas peças teatrais. Ainda jovem ganhou uma coluna no jornal. Em 1931, Nelson começou a escrever no caderno de esportes e depois de cultura do jornal *O Globo*. Em 1941, escreveu sua primeira peça teatral, *A mulher sem pecado*. Foi na carreira de dramaturgo que Nelson se tornou mais conhecido, tornando-se um dos principais autores do teatro brasileiro, embora continuasse escrevendo com grande intensidade para jornais (ALVARENGA, 2011, 35-37).

Sem dúvida, Nelson Rodrigues foi, ao lado de Mário Filho, um dos grandes gênios da crônica futebolística brasileira. Possivelmente isto ocorra justamente por suas crônicas serem polêmicas, extravagantes, porém apreciadas pelo público e muitas vezes aclamadas. Podemos perceber que em suas crônicas revela-se, para além dos aspectos objetivos e dos “termos chatamente técnicos, táticos e esportivos” do esporte (RODRIGUES, 1994, 13), toda uma outra dimensão do futebol: as interferências do sobrenatural (encarnadas no personagem fictício Sobrenatural de Almeida), o drama dos grandes jogos, o lirismo do estilo dos craques etc.

Desse modo, Nelson Rodrigues desenvolveu uma rica interpretação do futebol e dos acontecimentos do mundo esportivo, que aparecem transformados pelo olhar do cronista. Em uma de suas crônicas, por exemplo, ele diz que buscava no futebol "uma dimensão nova e emocionante", assumindo-se como o próprio "cronista apaixonado", ou seja, o torcedor fanático que, mesmo como jornalista, assumia a sua parcialidade (RODRIGUES, 1994, 11-12). Muito dessa visão do esporte, o escritor herdou da tradição jornalística de sua família, já que seu pai, Mário Rodrigues, e também seu

irmão, Mário Filho, atuavam em jornais e produziam um jornalismo de tipo sensacionalista.

Em sua dissertação *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, Marcelino Rodrigues da Silva chama a atenção para o fato de que a visão de futebol do escritor era, em grande parte, derivada da comparação com o teatro (SILVA, 1997, 47-59). Os acontecimentos esportivos funcionam como um tipo de esquema, um argumento narrativo, uma sequência de ações a partir das quais é construído o drama do futebol. Assim, a história dos jogos e campeonatos corresponde a um enredo vivido pelas personagens, que são os jogadores. Os jogos e campeonatos só interessam por sua capacidade de revelar os sentimentos, desejos e dilemas do ser humano. Como ele diz em uma de suas crônicas:

Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: - a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. (RODRIGUES, 1993, 104)

Essa concepção do futebol e da crônica esportiva fica bastante clara nas crônicas em que Nelson Rodrigues comenta as grandes conquistas do futebol brasileiro, especialmente a conquista dos campeonatos mundiais pela seleção nacional. Um bom exemplo é a crônica “Dragões de espora e penacho”, em que o autor comenta a final da Copa do Mundo de 1970. Sem se preocupar com os lances da partida nem com a campanha brasileira, ele parece mais preocupado com o comportamento da crítica esportiva, chamando sarcasticamente de “entendidos” os jornalistas que não acreditavam na conquista do título:

Era mais fácil encontrar uma girafa em nossas redações do que um otimista. O otimista era visto, e revisto, como um débil mental. Quando o escrete saiu daqui, as hienas, os abutres, os chacais uivavam: - “Não passa das quartas-de-final!”. Fazia-se uma campanha do pessimismo. E os “entendidos” recomendavam: “Humildade, humildade!”. Como se o brasileiro fosse um pobre diabo de pai e mãe. (RODRIGUES, 1993, 191)

A vitória brasileira, então, servia para o cronista como uma afirmação do valor do homem e da nação brasileira, superando o complexo de inferioridade que, para ele, era um grande mal nacional:

Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo. (RODRIGUES, 1993, 193)

Nas crônicas de Nelson Rodrigues, portanto, o futebol é visto não apenas como um esporte, mas como um teatro, por meio do qual são representadas as grandes questões e os grandes conflitos do ser humano e da nação brasileira. Para concluir, podemos dizer que foi por meio do trabalho desses cronistas (não apenas Nelson Rodrigues, mas também Armando Nogueira, João Saldanha e tantos outros) que a história do futebol foi interpretada e ganhou os significados que hoje tem na cultura brasileira.

CAPÍTULO 4: TRABALHANDO COM A CRÔNICA DE FUTEBOL NA SALA DE AULA

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: – a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: – analfabetos natos e hereditários devoraram vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

(Nelson Rodrigues)

Como vimos nos capítulos anteriores, o desenvolvimento da crônica jornalística tem a ver com a modernização cultural do Brasil e a ampliação do público leitor dos jornais. Por outro lado, a história da popularização do futebol teve também tudo a ver com esse processo de modernização cultural. A história da crônica e a história do futebol, portanto, se encontram no desenvolvimento da crônica esportiva do país, como um gênero voltado para um público mais amplo e popular.

Essa história pode nos sugerir a possibilidade de utilizar a crônica de futebol, com a sua linguagem mais próxima do cotidiano e sua temática de grande interesse para o público, como uma porta de entrada para os alunos do ensino fundamental e médio para a literatura. Neste capítulo, buscaremos desenvolver uma reflexão sobre a possibilidade de utilização da crônica de futebol em sala de aula.

A Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) reconhece, através dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental – PCNEF, e também pelas Diretrizes

Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, que a literatura possui uma grande importância na formação de nosso aluno. Esses textos salientam que o estudo da literatura não deve ser feito somente por meio das obras canônicas e valorizadas pela tradição literária, mas também por meio de outros tipos de literatura, como a literatura infantil, a literatura popular e mesmo a de massa. Além disso, esse estudo não deve se limitar ao aspecto estético das obras e deve ter como finalidade aparelhar o aluno para a leitura de textos fora do ambiente escolar.

Quando falamos a respeito de textos literários (escritos para adultos ou para crianças e jovens), não podemos esquecer os textos jornalísticos (inclusive a linguagem televisiva), que constituem hoje um dos mais amplos campos para a realização das novas propostas voltadas para a educação fundamental e o ensino médio. Com isso, o trabalho com esses textos pode contribuir para que sejam atingidos alguns pontos dos objetivos gerais dos PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais).

A escola, em seu trabalho com a leitura, tem se apropriado desse tipo de texto, tanto em livros didáticos como em antologias, como as da série *Para gostar de ler*, da editora Ática. Nos primeiros volumes dessa série, busca-se incentivar o gosto pela leitura através da exploração dos recursos lúdicos e humorísticos e da identificação do leitor com o que é narrado, como bem mostra o texto, dirigido ao estudante, que apresenta o primeiro volume da coleção. O texto é uma carta ao leitor, assinada pelos autores cujas crônicas são reunidas nesse volume (Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga):

Experimente abrir este livro em qualquer página onde começa uma crônica. (...) Histórias que podem ter acontecido com todo mundo: até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com os seus amigos. Mas uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você notará, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras. (...) Daí por diante a leitura ficará sendo uma hábito e esse hábito leva a novas descobertas. Uma "curtição". (ANDRADE, SABINO, CAMPOS e BRAGA, 1980)

A crônica é o gênero literário que mais se aproxima do nosso cotidiano, colocando o leitor para participar da história, por meio de uma linguagem leve e de fácil

acesso. Com isso, é um dos gêneros mais interessantes para o leitor iniciante e também uma forma de atrair nossos alunos para a prática da leitura. A crônica é um gênero que leva os alunos a reconhecer e discutir os contextos nos quais o texto estudado se insere e a conhecer melhor a linguagem com que eles mesmos expressam seus sonhos, inquietações, experiências e alegrias, tornando-se assim sujeitos críticos e autocríticos, cidadãos que valorizam a solidariedade e o conhecimento.

Quando um tema como o futebol é levado para dentro da sala de aula, através de diversas atividades que incluam a leitura e a análise crítica de textos, os alunos podem debater sobre os seus mais diversos aspectos: desde questões histórico-culturais até temas transversais como ética, cidadania, pluralidade cultural e trabalho, todos eles de alguma forma relacionados ao universo esportivo. Pode ser interessante trabalhar as crônicas de futebol dentro de sala de aula, já que o brasileiro é apaixonado por futebol, que como vimos não é apenas um esporte, mas um complexo espetáculo que envolve as massas, independente de raça, credo, sexo, posição social etc.

Em se tratando de Copa do Mundo, que é também um tema interdisciplinar, podendo ser relacionado a disciplinas como História e Geografia, podem ser trabalhadas em sala de aula as crônicas de autores como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha, entre outros. Também se poderia trabalhar com textos jornalísticos e biografias de ex-jogadores.

Poderia ser feita, por exemplo, uma análise das crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, discutindo a questão da "pátria em chuteiras", expressão utilizada pelo autor para se referir não somente à ideia de "pátria" como lugar de nascimento, mas sobretudo ao sentido moderno atribuído a palavra "nação", ligado à ideia de povo e comunidade. Crônicas desse mesmo autor poderiam servir também para discutir temas como a história da escravidão e do preconceito racial, como no caso das crônicas que fazem referência a ídolos negros do futebol, como Pelé, Didi e Leônidas da Silva. De qualquer modo, devemos sempre levar em conta a relação que se estabelece entre a crônica esportiva e o leitor.

É com esses objetivos que iremos analisar uma crônica de Nelson Rodrigues, tentando mostrar brevemente o seu potencial como recurso a ser utilizado em sala de aula. Tomemos como exemplo a crônica "Complexo de vira-latas", que comenta as expectativas dos brasileiros antes da realização da Copa do Mundo de 1958, a primeira

que seria vencida pela seleção nacional. A crônica foi publicada em 31 de maio daquele ano, na revista *Manchete Esportiva*, e incluída na coletânea *À sombra das chuteiras imortais*, organizada por Ruy Castro para a Companhia das Letras. Vejamos o texto na íntegra:

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: – "O Brasil não vai nem se classificar!". E, aqui, eu pergunto: – não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: – "extraíu" de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: – é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: – o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: – se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, reventaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: – o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, "não". Mas eis a verdade: – eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: – sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: – não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo

de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: – "O que vem a ser isso?". Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdúlio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: – para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. (RODRIGUES, 1993, 51-52)

Como vemos, a crônica parte de um assunto que já estava nos jornais: as expectativas dos brasileiros em relação ao desempenho da seleção nacional na Copa do Mundo que estava por se realizar. Nelson, no entanto, não se contenta em reportar o assunto. Ele desenvolve uma rica interpretação dos fatos esportivos, transformando-os através do seu olhar. Os acontecimentos funcionam como um esquema, um argumento, uma sequência de ações a partir das quais o cronista constrói o seu drama.

Nelson faz um comentário, polemizando com certas correntes de opinião, os "pessimistas de plantão", que não se cansavam de lembrar que o Brasil havia perdido a final da Copa de 1950, no Maracanã, diante do Uruguai. O cronista argumenta que a seleção brasileira tinha tudo para ser campeã. Para isso era necessário superar a vergonha provocada pela derrota da Copa de 1950 e acabar de uma vez por todas com o complexo de inferioridade que assolava os brasileiros.

Para convencer o leitor, o cronista usa certos artifícios, como a hipérbole, a metáfora, o tom de conversa e as perguntas retóricas dirigidas ao leitor, para que ele chegue à mesma conclusão do autor. Como exemplo da hipérbole temos o seguinte trecho: "Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota." Como exemplo do uso de

metáforas, temos a própria ideia do “complexo de vira-latas”, construída pela analogia da mistura de raças entre homens e animais. O tom da conversa aparece, por exemplo, quando ele usa expressões como “Eis a verdade, amigos”, “mas vejamos” e “eu vos digo” etc. E as perguntas retóricas dirigidas ao leitor podem ser exemplificadas por trechos como “E, aqui, eu pergunto: – Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?” e “Em Wembley, porque perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade.”

Concluindo, podemos dizer que Nelson interpreta a notícia para dar uma opinião sobre a sociedade brasileira, já que o brasileiro sofre o complexo de vira-latas justamente por ser um povo mestiço que por isso se sente inferiorizado. Sua discussão sobre o futebol, portanto, se relaciona a uma questão mais complexa, ligada à trajetória da formação social do povo brasileiro.

Assim, a crônica pode servir para uma abordagem transversal, trazendo à tona um tema importante para história do Brasil: a questão racial e a presença do negro na sociedade brasileira. O complexo de vira-latas expressa justamente a inferioridade em que o brasileiro se colocava voluntariamente em face do resto do mundo, isso em todos os setores, inclusive no próprio futebol.

Ao se contrapor a essa ideia, Nelson Rodrigues entra em conflito com uma certa visão da questão racial e da sociedade brasileira. Para ele o brasileiro possui diversas qualidades, como sua capacidade “de fantasia, de improvisação, de invenção”. O que lhe faltava, então, era a “fé em si mesmo”, e uma vez que ele se convencesse de que não era um vira-latas, certamente seria capaz de superar os adversários de qualquer país. É exatamente essa qualidade que o cronista enxerga no jovem Pelé, numa outra crônica, publicada em 25 de fevereiro de 1958 e reproduzida no livro *À sombra das chuteiras imortais*. Intitulada “A realeza de Pelé”, a crônica mostra como o jovem jogador, que ainda não tinha se revelado ao mundo, encarna essas qualidades do brasileiro que o cronista quer exaltar:

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria

bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. (RODRIGUES, 1993, 43)

Por meio desses exemplos, então, podemos ver como o uso de crônicas de futebol em sala de aula pode ser útil, tanto para o desenvolvimento da percepção dos alunos em relação aos recursos textuais utilizados para a representação, a recriação e a interpretação dos acontecimentos do mundo esportivo, quanto para a discussão de temas importantes relacionados a diferentes disciplinas, como a História, a Geografia e a Sociologia. Dessa forma, elas podem ser um instrumento importante para o desenvolvimento de leitores críticos, capazes de estabelecer relações de suas leituras e experiências cotidianas com temas mais amplos, essenciais para sua formação como cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que o trabalho de pesquisa e escrita realizado para a elaboração desta monografia contribuiu de forma muito significativa para o desenvolvimento de minhas próprias habilidades como professor na área de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas. Os estudos sobre o gênero crônístico e o futebol ampliaram muito meus conhecimentos sobre a literatura e a história do Brasil, tornando-me mais capaz de ajudar os alunos em seu desenvolvimento como leitores e cidadãos. Além disso, a tarefa de elaborar um texto de maiores dimensões foi muito importante para melhorar minha própria capacidade de escrita, aspecto em que considero que ainda tenho muito a evoluir.

Por outro lado, a proposta de utilizar a crônica de futebol em sala de aula, com alunos do ensino fundamental e médio, me parece extremamente estimulante, ampliando meu repertório de recursos didáticos. Pretendo, certamente, colocá-la em prática em minhas atividades docentes. Sobretudo nesses próximos anos, em que, em função da realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, o futebol certamente será um assunto de grande relevância em nossa sociedade.

Reconheço, no entanto, que este é um trabalho que, em muitos aspectos, apresenta ainda lacunas e deficiências. Mas essas lacunas e deficiências certamente me servirão como estímulo para futuros estudos e aprofundamento de meus conhecimentos e habilidades como professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de, SABINO, Fernando, CAMPOS, Paulo Mendes e BRAGA, Rubem. Carta dos autores. In: _____. *Para gostar de ler*. Volume 1. São Paulo: Editora Ática, 1980.

ALVARENGA, Thiago Madureira de. *Nelson Rodrigues e Juca Kfoury: dois estilos na crônica esportiva brasileira*. 2011. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), Belo Horizonte.

ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p 51-66.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Unicamp, 1992, p.13-22.

DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social. In: _____. *Explorações - ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 101-120.

FARIA, Maria Alice. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP - Dossiê Futebol*. São Paulo, n. 22, jun. 1994, p. 64-83.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 93-120.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.73-101.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. A crônica no mundo do futebol. In: _____. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários.). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

WALTY, Ivete Fonseca, SOARES, Maria Nazareth Fonseca e PAULINO, Graça. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.